

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Junho de 1984

Nº. 6

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTÂNEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MOELLMANN COMERCIAL S.A.
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.
BUSCHLE & LEPPER S.A.
CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.
JOÃO FELIX HAUER
MADEIREIRA ODEBRECHT
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS
MÓVEIS ROSSMARK S.A.
ARTUR FOUQUET
RELOJOARIA SCHWABE
PAUL FRITZ KUEHNRIICH
CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Junho de 1984

Nº. 6

SUMÁRIO

Página

A História de Blumenau revela	162
Um pouco da luta, drama e odisséia que viveu a população de Blumenau durante a catastrófica enchente de julho de 1983	165
Cinema em Blumenau	180
Dona Meta Schmalz e os seus noventa anos	181
“Pequena crônica da família Buerger”	182
Aconteceu - Maio de 1984	186
Autores Catarinenses	189
O ensino da língua alemã nas escolas municipais de Blumenau e a repercussão na “Deutsche Welle”	190
Diário de viagem do imigrante Paul Schwartzner	191

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 2.500,00

Número avulso Cr\$ 200,00 -- Atrasado Cr\$ 250,00

Assinaturas p/o exterior Cr\$ 3.000,00 mais o porte Cr\$ 2.000,00 total Cr\$ 5.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

A História de Blumenau revela:

CARTA DO DR. BLUMENAU AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, EM 1879, DENUNCIA A FALTA DE POLICIAMENTO E MAIOR REPRESSÃO AOS DESORDEIROS QUE PROCURAVAM INTRANQUILIZAR A POPULAÇÃO. (DOS ARQUIVOS HISTÓRICOS DA BAIXA SAXÔNIA PARA BL. EM CADERNOS)

32

“Reservado e
Urgente

11 de abril de 1879.

Ilmo. e Exmo. Sr.

Corre-me o muito desagradável, mas imperioso dever, importunar a V. Ex., com todo o devido respeito, mas também a máxima instância, com o presente grito de desespero e socorro, sobre os negócios da Polícia desta colônia: estamos aqui e a este respeito á posta e já dentro da completa anarquia, porque não temos mais autoridades policiais e o sub-delegado com os suplentes, recusam o serviço do cargo de que já faz tempo, pediram exoneração, declarando as partes, que se dirijam á sub-delegacia da vizinha freguesia de S. Pedro Apóstolo do Gaspar.

É impossível, Exmo. Sr., que as coisas fiquem e continuem neste pé ou então termos provavelmente em breve a lastimar graves desordens, ferimentos e talvez mortes, servindo de apoio desta minha afirmação as duas inclusas representações de grande número dos habitantes da Estrada dos Tiroleses, que me foram entregues, por uma deputação. Pedindo-me esta, e com muita razão, pronto remédio e, indo eu com ela ao sub-delegado, este se recusou peremptoriamente, do mesmo modo como os suplentes, cabendo-me de posto e direito de declarar á população, que eu nada absolutamente podia fazer senão solicitar á V. Ex. o competente remédio.

Tratava e trata-se, de processar ou pelo menos mandar vir á presença da autoridade e admoestar um colono italiano, Miguel Ferri, e sua mulher, sujeitos notoriamente desordeiros, tendo aquele mas já faz alguns anos, sido exonerado e até expulso desta colônia se acaso não fosse possível, punir os culpados de outro e mais severo modo, visto que o ato ainda assim teria servido e serviria, para um pouco tranquilizar os bons e intimidar os maus, mostrando-se a ambos, que ainda existe autoridade.

Mas com aquela recusa, desapareceu o último vestígio da mesma e, esta diretoria e a população ordeira da colônia, ficam entregues á mercê dos malfetores ou reduzidos á própria defesa! A situação

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

tanto mais é grave e não existe remédio pronto e enérgico, quando somente com grande esforço me é possível conter grande número de italianos que impetuosamente me pedem serviço e salário e dali podem surgir graves conflitos, se a diretoria ficar sendo o braço da polícia e nem pode conceder por alguns dias mandar à cadeia os desordeiros.

Nestas dificuldades se me afigura como o único expediente pronto e aplicável, dignar-se V. Ex., de mandar para cá um sub-delegado a ocupar alguns trimestres, uma vez que talvez seja impossível, com brevidade, remover as causas que especialmente motivaram a ignorância dos aludidos funcionários e, continuando, sempre e sempre não de impedir, que cidadãos menos abastados e zelosos da sua própria dignidade, bem que prestimosos e zelosos no serviço, se sujeitem a este cargo.

A explicito pedido dos referidos funcionários, devo ainda, bem que com repugnância, incomodar, com a recapitulação das suas queixas a V. Ex., bem que já as tenha ouvido de viva voz.

As despesas pecuniárias do próprio bolso, inerentes ao cargo e inseparáveis dele, são tão consideráveis, que individuos menos abastados e cuja renda e subsistência exclusivamente, para o fundo útil emprego do seu tempo, na atual extensão territorial da colônia e com o número e a heterogênea composição da sua população, não podem mais com elas, tendo devido e devendo o sub-delegado com seu bolso, alimentar e transportar presos, iluminar a cadeia e cuidar de todas estas despesas e a cargo direto do Estado, além das indiretas em quase toda e qualquer diligência, a que na prática dos negócios não se pode subtrair, fará como quiser. O Sr. Lungershausen, sub-delegado em exercício quando, por ordem de V. Ex. em princípios de janeiro, para cá vieram sete praças de linha do destacamento da Colônia Itajaí, gastou com eles, que tinham entrado sem um vintém, para seu sustento e rápido transporte 55\$560 por poucos dias da sua estadia nesta colônia, como me provou com as diferentes contas e recibos, tendo ainda a fornecer e fornecido sustento aos praças para seu regresso!!

Mas destes gravames em que as vezes muito pesados, os ditos funcionários se queixam ainda dos meios do que do singular modo e menosprezo com que como alegam, pelas autoridades da cidade de Itajaí eles mesmos, bem como os processos por eles instaurados e seus mais justificados pedidos, desde anos e até hoje, tivessem ficado batidos e postergados, tendo sido e sendo enfim o resultado atual, que as autoridades desta colônia ficassem perante a população da mesma, acusados não somente de negligência, ou má vontade, etc. etc. e assim desautoradas mas até pública e impunemente escarnecidas, ofendidas e injuriadas por manifestos criminosos; que V. G., o criminoso Achterberg, para cuja captura vieram para cá os soldados acima mencionados, tendo sido remetido à Colônia Itajaí, poucos dias depois, voltasse impune, risonho e zombando; que no processo recentemente instaurado pelo próprio Sr. Dr. Chefe de Polícia contra Mauricio Holetz, sobre as iniúrias por ele rogadas a todos os funcionários e empregados da colônia deste lugar, nada se fizesse, continuan-

do ao contrário ele e outros ridicularizando e difamando-os por toda a colônia; que desde cerca ou até mais de três anos, passassem todos os inventários e partilhas de herança, com gravísimos prejuízos das partes, incômodo para as demais autoridades etc. etc. — enfim, que eles funcionários, finalmente exasperados e cansados por este modo, com que são tratados, eles e os mais importantes interesses da parte ordeira da nossa população, não haviam de se prestar mais, aconteça o que acontecesse aos respectivos serviços públicos, enquanto não fossem reabilitados perante a opinião pública desta colônia e com autoridade e energia coadjuvados e apoiados pelas demais autoridades.

Apresentando eu estas queixas à explicito pedido e tais quais me são proferidos, não me arrogo juízo sobre elas e se respeitosa-mente repito, que a atual situação é de sérios perigos e com vingança carece de remédio.

Finalmente ousou ainda solicitar a resolução de V. Ex. sobre o pagamento do transporte das testemunhas, citadas em processo crime para a cidade de Itajaí, de que tratou meu ofício n.º 3 de 2 de janeiro último, assunto este, que frequentemente põe em embaraço esta diretoria e a sub-delegacia de polícia por causa das reclamações e não raras vezes admoestas dos interessados.

Deus guarde a V. Ex.

Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Joaquim da Silva Ramalho
Primeiro Vice-Presidente desta Província.”

“Achegas à História de Gaspar”

No trabalho sob o título supra, publicado em nossa edição de maio, páginas 146-152, ocorreram alguns erros, do autor e da revista que nos apressamos em retificar.

a) na pág. 147, coluna 1a., onde se lê: “colheu de surpresa a todos os que julgavam inseparável da sua espantosa prioridade social e econômica e prioridade cronológica...”

leia-se: “colheu de surpresa a todos os que julgavam inseparável da sua espantosa prioridade social e econômica a prioridade cronológica...”

b) na pág. 149, coluna 1a., onde se lê: “Nicolau Deschamps Pai (1785-1887)”, **leia-se:** “Nicolau Deschamps Pai (1795-1887)”.

c) na pág. 149, coluna 2a., onde se lê: “Não cedeu dali...”, **leia-se:** “Não procedeu dali...”
Onde se lê: “recenseamento oficial de setembro de 1930”, **leia-se:** “recenseamento oficial de setembro de 1830”.

d) na pág. 152, coluna 1a., onde se lê: “único dos Deschamps que saiu da primitiva colônia”, **leia-se:** “único dos Deschamps que ficou na primitiva colônia”.

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

Um pouco da luta, drama e odisséia que viveu a população de Blumenau durante a catastrófica enchente de julho de 1983

Por ser matéria muito importante que deve ser registrada, lida e meditada, vamos transcrever, nesta edição de "Blumenau em Cadernos", o que narra o relatório de atividade do "Grupo de Escoteiros Leões", de Blumenau, registro este que o fazemos para o conhecimento e julgamento não só da geração atual como das futuras gerações blumenauenses.

RELATÓRIO

Atividades do Grupo Escoteiro Leões de Blumenau, durante e depois das enchentes de julho de 1983

1 — Breve Histórico:

No dia 7 de julho de 1983 as águas subiam rapidamente, já havendo evidências de que poderia ocorrer mais uma enchente no município.

No dia 8 de julho de 1983 as águas do Rio Itajaí-Açu já haviam invadido as principais ruas da cidade de Blumenau, fazendo com que muitas famílias já estivessem desalojadas das suas casas, principalmente as que residiam em regiões baixas.

No dia 9 de julho a cidade estava submersa, nesta que foi a maior enchente do século, em nível próximo dos 16 metros acima do leito normal do rio.

2 — Sede do Grupo Escoteiros Leões — Rua Pastor Oswaldo Hesse

Foi instituída como um posto de atendimento OFICIAL, já que a mesma se situa em local livre de enchentes. A sede do grupo ficou isolada, mas o zelador, Sr. Wenceslau da Silva esteve atuando no preparativo de alimentos para atender aos flagelados. Várias famílias da rua Pastor Oswaldo

Hesse, uma das mais atingidas pelas enchentes, foram abrigadas na sede do grupo. Os helicópteros fizeram pousos regulares na sede do grupo, fazendo a entrega e coleta de alimentos.

3 — IPT da FURB — Rua Adolfo José dos Santos — Itoupava-Seca

Foi instituída como um posto de atendimento NÃO OFICIAL por uma equipe escoteira:

Jaime da Silva (Chefe da Tropa II) — Coordenador

Otto Jaime Ferreira (Baloo — Alcatéia II)

Guilherme W. Weinzierl — (Chefe de Grupo)

Irany Ferreira — (Kaa — Alcatéia II)

Giovani E. de Souza e Silva (Escoteiro — Tropa Sênior)

Nadia Malu Ferreira (Escoteira — Tropa IV)

Jorgeana Cristine de Souza e Silva (Escoteira — Tropa IV)

Nivea Rafaela Ferreira (Lobinha — Alcatéia V)

Colaboração Especial:

Jorge e Marcia Casza — São Paulo

Diretores do I.P.T. — Furb
Assistência Social da Prefeitura Municipal de Blumenau
PX Clube de Blumenau
Posto Oficial — Ceasa
Posto Oficial — Cia. Jensen
Posto Oficial — Sesi
Empresas de São Paulo (L.O-rileux Hoechst do Brasil)
Empresas de Blumenau
Diversos Voluntários
Grupos Escoteiros (Cassiano Ricardo, Moacara — Caxias do Sul)

Finalidades:

Atender os desabrigados no I.P.T. e posteriormente os flagelados de outras localidades de Blumenau e de outros municípios.

Atividades:

a) Montagem de campo de pouso de helicóptero no local

b) Iluminação da área com tochas a óleo

c) Distribuição de Alimentos a serem preparados

d) Distribuição de Roupas

e) Distribuição de Comida Pronta — preparada na Cozinha Industrial do Sesi

f) Transportes de Doentes

g) Reconstrução

* As atividades foram desempenhadas em veículo da Furb (Kombi), de canoa, de barco, em veículos particulares, conforme detalhes da narrativa.

Donativos em dinheiro:

a) Do Grupo Escoteiro Cassiano Ricardo — São José dos Campos — SP Recebemos Cr\$ 150.000,00.

b) Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau — Recebemos Cr\$ 100.000,00.

c) Do próprio Grupo Escoteiro Leões a equipe recebeu Cr\$ 122.500,00 que foram utilizados

nas despesas de fundamento da casa do Sr. Evelásio de Souza — cita à mesma rua do posto de atuação do grupo.

4 — Anexo — Relação de desabrigados no Instituto de pesquisas Tecnológicas

Relação dos desabrigados instalados no I. P. T. da FURB, que recebem alimentos e roupas do posto de distribuição instalado no local, sob orientação do chefe escoteiro JAIME DA SILVA e EQUIPE ESCOTEIRA.

Raul Bittencourt 02; Vilmar Prada 05; Antonio C. Ribeiro 03; Almir José Bittencourt 04; Maria Ternes 02; Maria Xavier 05; Maria Vicente 02; Luiz Garçon 03; João Teotônio de Souza 07; Harry Jung 04; Margarida da Luz 02; Alfredo da Luz 12; Ivert Baumgartner 06; Evilásio de Souza 04; Jaime da Silva 04; Euclides dos Santos 04; Odair Laguna 03; Levi L. Becker 04; Maria da Costa 01; Carlito Costa 02; Rosa Bernardes 02; Cinval Nascimento 09; José Gregório Casas 05; Alvim Elias da Silva 10; Bento Dias 05; Elsa Boaventura 03; Doris Sada 01; Gilmar dos Santos 03; Osmar dos Santos 06; Gilson dos Santos 02; Jadir Luiz 03; Valmor Bernardino 15; Valdir Mendes 03; Felício Mendes 05; Orlando Fáveri 04; Luiz Carlos Deggan 04; Alice Bernardino 01; Vilmar Bernardino 03; Osvaldir C. Pacheco 04; Francisca dos Santos 02; Ilda Schramm 03; Laudelino Deggan 06; Irineu Ribeiro 07; Cesar Ribeiro 02; Alaim Nascimento 03; Nalio José dos Santos 04; Mario Hack 06; João Andrietti 10; Nidia Simas 01; Orlando da Luz 03; Gertrudes Roedel 03; Olimpia Alves

04; José de Souza 04; Pedro Tiurra 05; José de Oliveira 04; Amauri Machado 05; Pedro Nascimento 11; Orondina Conceição Serpa 10; Ari Schoenel (Guarda) 01; Sr. Luiz (Guarda) 01; Salão

Test. Geová (Miranda) 05; Osmar Correia 03; Gildo dos Santos 03; Sidnei Hack 03; Marta Pereira da Silva 01; Aparecida Machado 02; Mário Sada 02; Alvacir Aguiar 04. Total — 69 famílias e 285 pessoas.

OPERAÇÃO ENCHENTE — GRUPO ESCOTEIRO LEÕES

NARRATIVA

“A CATÁSTROFE VIVIDA POR UM GRUPO DE ESCOTISTAS”

HISTÓRICO

Naquele dia 07 de julho de 1983 a chuva impertinente começava a irritar a todos. Tudo estava umedecido, até a disposição da gente que há muito não via o sol. O clima de apreensão passava a contagiar diante da ameaça de uma nova enchente. As previsões não eram otimistas e os videntes e palpiteiros passavam a prognosticar o transbordamento do Rio Itajaí-Açu, que começava lenta e impiedosamente a inundar as principais ruas da nossa Blumenau. As emissoras de rádio davam início a suas transmissões em cadeia, informando de tempos em tempos o nível das águas e as previsões para as próximas horas, com base no grande volume de chuva que se precipitava nos municípios do Alto Vale, especialmente em Rio do Sul. Motoristas irrequietos desviavam-se das ruas principais porque a maioria delas, ao anoitecer, não mais dava passagem a veículos. O clima de preocupação atingiu até os que não seriam alcançados pelas águas.

Começara a grande corrida aos armazéns e supermercados pelos mais precavidos, buscando garantir-se com gêneros alimentí-

cios e principalmente água potável, considerando que a estação de tratamento de água, em Blumenau fica submersa quando o rio atinge a quota de 11 metros acima do nível normal.

Caía a noite, a correria tinha início. Cada um procurava chegar a sua casa.

Todos sabiam o que fazer. Não havia medo, o pavor não toma conta do blumenauense diante das inundações. Não há sequer um conterrâneo, que, sendo alcançado pelas enchentes, ignore com quantos metros a sua casa é atingida pelas águas do Itajaí-Açu.

As autoridades do Município, o Serviço do Corpo de Bombeiros, a Polícia, o Exército, enfim, todos os que podiam prestar ajuda, por solidariedade, ou por força de função, agiam com rapidez, no propósito de salvar os seus bens da destruidora ação das águas. No rosto de muitos, estampava-se a esperança de que as águas, finalmente parassem de subir, mas a dura realidade era outra: a casa, os móveis, demais pertences, tudo adquirido com carinho e quase sempre com sacrifício era engolido pela água barrenta.

Exaustos, qual animais escoraçados dos seus ninhos, nem de

longe poderiam imaginar tamanha imensidão de água, desta que acabou sendo a maior enchente do século. Restava-lhes olhar para o céu encoberto, como a implorar ao Ser Supremo, uma tré-gua; já era tempo de ter pelo menos uma estiada.

Nós blumenauenses e de um modo geral os catarinenses aprendemos a conviver com enchentes; mas a inundação de julho/83 e que superou a marca de 15 metros acima do nível do rio, não nos dava a menor oportunidade de evitar o caos.

Os telefones cujo tráfico de linhas estava congestionado, eram poucos os que ainda funcionavam. As rádios, como habitualmente agem nas enchentes, passavam a atender aos chamados diretamente em seus microfones. A defesa civil montava o seu esquema de prontidão e constantemente informava a posição do nível das águas e as previsões.

Os que haviam buscado refúgio nos lugares supostamente seguros, começavam a socorrer também da inundação as famílias que os recebiam, pois estes igualmente acabaram sendo vítimas da grande enchente.

E a chuva teimosamente continuava... e com intensidade assustadora.

De ouvidos atentos no rádio de pilha ouvia-se o plantão permanente. Muitos foram os que ouviram no ar, alguém vociferar um alerta, para a negra previsão de que haveria uma grande en-

chente, em nível superior a 14 metros.

Seria o dilúvio... Muitos que nunca foram surpreendidos pelas cheias puseram-se apavoradamente a levantar móveis e prestar socorro.

Parecia um castigo divino. A energia elétrica estava desligada, a escuridão era total. Gritos de socorro ecoavam noite adentro. A única forma de locomoção era de canoa ou de barco. A preocupação era, nestas alturas dos acontecimentos, salvar vidas. Inúmeras pessoas gritavam por socorro, no telhado das suas casas e de lá eram retiradas de barco ou canoas, cuja quantidade era insuficiente para prestar socorro, fazendo com que muitos improvisassem embarcações, utilizando-se do material disponível. Destas tivemos oportunidade de ver um cidadão às duras penas remando numa caixa d'água, outro amarrou tambores em tábuas, um terceiro, no bairro de Badenfurt utilizou-se de um teto de kombi para servir de balsa, tendo este último naufragado, e provocando a morte por afogamento de um menino com a idade de aproximadamente 13 anos.

Foi esta uma das tantas vítimas, cujos dados oficiais, por omissão intencional ou para evitar o apavoramento coletivo, ficaram também submersos no silêncio e na dúvida, sabendo-se apenas que muitos foram sepultados em covas comuns nos fundos do Hospital Santa Isabel, devido a

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

impossibilidade de remoção, agravado pelo clima de desespero gerado pela catastrófica inundação.

O Escotismo conclama a ação

Quando o chefe Guilherme ficou retido no segundo pavimento da sua casa, julgando ter deixado a salvo das águas que inundavam as ruas blumenauenses, ficou deveras surpreso e apreensivo por estar ilhado e incomunicável. Era duro ver submerso entre os seus pertences a antena do rádio PX e até o seu uniforme e o lenço azul-amarelo dos "Leões", além de ter que se alimentar a base de sardinha e leite moça.

Entrementes, o chefe Jaime com esforço sobre-humano ajudava inúmeras famílias a buscar abrigo no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) da FURB, num trabalho que exigiu-lhe a energia disponível para atuar durante todo o dia, noite afóra e ainda o dia seguinte até estafar-se.

A angústia e a consciência da grave situação, tirava o sono e exigia dos que moram em regiões mais elevadas a obrigação de prestar socorro. As dificuldades eram enormes, pois somente era possível ajudar utilizando-se de embarcações.

O chefe Otto Jaime calçou as botas e de lampião em punho, pos-se na estrada com o objetivo de chegar à antiga oficina da Estrada de Ferro, descrevendo assim o que presenciou:

"Ao pular o grande muro, contíguo ao depósito de ferro velho, na Itoupava-Seca, deparei-me com uma imagem triste e desalentadora. Eram quase 300 pessoas que estavam lá no grande galpão es-

curo, com o pouco que puderam salvar das suas casas pobres, a maioria situadas às margens do rio, agora totalmente tomadas pelas águas. De suas casas alguns conseguiram tirar poucas peças de roupa, outros conseguiram aos atropelos e com esforço sobre-humano salvar móveis, geladeiras e eletrodomésticos, mas quase todos, surpreendidos e incrédulos, mal salvaram-se a si mesmos, perdendo o pouco que tinham em suas modestas residências. O quadro era comovente e entristecia. Parecia a violência de uma guerra, eram seres humanos enxotados das suas casas, que segundo suas narrativas, eram inesperadamente invadidas pelas águas, mal dando tempo para fugir, enquanto a correnteza vinha para levar tudo de roldão, destruindo parcialmente várias casas, muitas das quais foram até arrancadas dos seus alicerces. Crianças choravam de fome, frio e medo. Homens enlameados, exaustos, carregavam os seus pertences ajudando-se uns aos outros em gestos de solidariedade. Mulheres com velas acesas procuravam da melhor forma, conter o seu próprio choro e abrigar seus filhos naquele enorme galpão de chão batido, frio e escuro, outrora utilizado como oficina de manutenção da "Estrada de Ferro".

Ao localizar o chefe Jaime, Otto descreve assim a experiência:

"Quando encontrei o meu companheiro de escotismo e sua família, abrigado no segundo pavimento do velho prédio ao lado do grande galpão da oficina, não pude conter as lágrimas. Lá estava ele depois de ter ajudado toda aquela gente, a sua gente, a nos-

sa gente, compartilhando dos seus problemas e vivendo a mesma tragédia, mal podendo caminhar, com os pés inchados, pois havia pisado num prego enferrujado enquanto ajudava a vizinhança a salvar seus bens. Por ironia ele, a esposa e filhos, depois de esgotarem suas forças no transporte dos pertences dos moradores da vila ferroviária às margens do rio, não puderam contar com o auxílio necessário para a remoção dos seus próprios bens. Apesar de tudo, ele ainda teve ânimo para dizer: "Parceiro... precisamos fazer alguma coisa por essa gente... eles estão precisando de ajuda".

A partir daquele momento, tínhamos como escotistas, uma grande missão. A nossa promessa deveria ser posta em prática. Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião deixava de ser, desde aquele instante, apenas palavras decoradas e proferidas da boca para fora, passamos a ter consciência da sua importância transformando-as em realidades, porque a circunstância nos obrigava a agir".

O Escotismo passa a ser a nossa bandeira

Em nossa sede com quem não tínhamos comunicação e muito menos possibilidade de acesso, era montado um posto Oficial de Atendimento. O Sr. Wenceslau da Silva, o "baixinho", foi o cozinheiro oficial e juntamente com o pessoal do exército, trabalhou incansavelmente. Como a sede dos "Leões" também está livre de enchentes, serviu de abrigo a diversas famílias localizadas nas imediações da Pastor Oswaldo Hesse,

uma das primeiras ruas a serem inundadas. Os helicópteros que prestavam socorro na remoção de pessoas e posteriormente na distribuição de alimentos e medicamentos, depois das tentativas de aterrizar próximo à nossa sede principal, passaram a fazer pousos regulares na plataforma superior, onde se situa a sede da tropa III. Enquanto isso, no IPT da FURB, sem que formalizássemos qualquer ação, mas devido a necessidade de uma liderança para ajudar os flagelados, que ficavam desnorteados sem saber ao certo o que fazer, o chefe Jaime, envergou o seu uniforme e tratou de comandar as ações prioritárias. Era preciso, antes de tudo, obter comida para aquelas famílias. Estava assim, montado um posto de atendimento "Não Oficial", naquele local.

A Equipe Escoteira no posto do IPT

Grupo: Escoteiros Leões de Blumenau

Participantes:

Chefe Guilherme Weinzierl
(Chefe de Grupo)

Chefe Jaime da Silva (Tropa II)

Chefe Otto Jaime Ferreira
(Alcatéia II)

Chefe Irany Ferreira (Alcatéia II)

Escoteiro Giovani Eduardo de Souza e Silva (Tropa Sênior)

Escoteira Jorgeana Cristina de Souza e Silva (Tropa 5)

Escoteira Nadia Malu Ferreira (Tropa 5)

Lobinha Nivea Rafaela Ferreira (Alcatéia 5)

No dia 8 de julho de 1983 o escoteiro Giovani e o soldado Al-

cione providenciaram latas de óleo e alguns trapos e improvisaram lamparinas que proporcionaram boa luminosidade no "QG" do grupo, com a finalidade de dificultar a ação de saqueadores nas casas abandonadas, naquelas imediações. Dentre as primeiras providências tomadas, antes mesmo da formação escoteira, foi a preparação de um grande círculo com cal, inscrevendo-se ao centro a sua necessidade principal "COMIDA", com o propósito de orientar os pousos dos helicópteros. Foi dado assim o primeiro alerta de "SOS" àquelas aeronaves da marinha e do exército, que estavam operando na região, no fornecimento de gêneros alimentícios e medicamentos, num trabalho de indescritível eficácia. Na verdade, devido a extensão da calamidade, somente uma dessas aeronaves baixou no IPT, pois sua atuação estava restrita aos postos oficiais. Em sua única operação, parcialmente tumultuada pela aproximação de curiosos, um dos helicópteros aterrizou em nosso improvisado heliporto para remover uma pessoa que necessitava ser hospitalizada.

Dessa forma, tínhamos que tomar outras providências na procura de alimentos para aquele grande contingente de homens, mulheres e crianças.

A busca de alimentos e roupas

Foi organizado um levantamento das necessidades de roupas e alimentos, entre as famílias, constatando-se que o nosso pequeno estoque não daria para dois dias. A direção do IPT da FURB colocou então a nossa disposição uma kombi, sobre a qual amarra-

mos uma canoa, com o objetivo inicial de buscar suprimentos nos postos oficiais.

Nossa primeira viagem de retorno com a kombi, repleta de alimentos e roupas, recolhidas nos postos de distribuição oficiais, foi recebido por aquelas pessoas, com uma festiva salva de palmas.

Depois de assegurarmos a organização de um estoque de suprimentos, com a colaboração de funcionários do IPT da FURB, voltamos nossa atenção para outros necessitados.

Juntamente com alguns voluntários não escoteiros e que fizeram questão de envergar o boné da União dos Escoteiros do Brasil, não apenas como uma simples cobertura de adorno, mas como uma identificação, que a partir daquele momento o qualificava como um "escoteiro" de mentirinha, amigos flagelados uniram-se a nós, no propósito de ajudar os necessitados de outras localidades. Sorridentes, eles usavam o boné e procuravam agir como escoteiros, aprendendo até a cumprimentar com a mão esquerda, numa característica "sui-generis" e desajeitada. Não que para agir nos princípios do escotismo fosse necessário usar o uniforme ou a identificação, mas porque identificar-se como um seguidor do grande movimento mundial, dava-lhe a outorga de um direito e um dever em usar o bom nome dessa maravilhosa irmanade para auxiliar nossos irmãos flagelados. Conceder aqueles bonés aos amigos voluntários, foi como fazer que eles prometessem em foro íntimo, qual um batismo, a agir e pensar como um membro do escotismo, mesmo que

em caráter provisório e temporário. Como eles mesmo afirmavam, isto lhes dava mais confiança para agir de modo mais influente e eficaz de cumprir o nosso dever também de cristãos, levando a solidariedade a outros, desinteressadamente.

Para que pudéssemos transitar com o nosso veículo quase "anfíbio", foi preciso até improvisar uma passagem à base de pás e enxadas, pois era impossível sair de carro do nosso abrigo e posto de ação, porque as ruas de acesso estavam submersas.

Benzetacil 1200 para a chefia

Com a preocupação de prevenir eventuais doenças por contaminação com a água da enchente, estivemos no posto de atendimento médico da empresa Cremer. Lá a Chefia foi premiada com a badalada injeção, com o direito de escolher em qual das nádegas preferia fosse aplicada. Durante dois dias cada um sentava como podia, em consequência da carinhosa fisgada.

Um uniforme de respeito

Em cada posto oficial onde chegávamos uniformizados, tivemos a oportunidade de sentir o valor e o respeito que infunde o nosso uniforme. Era realmente incrível o tratamento e a reverência que recebíamos, sendo notória a confiança que as pessoas nos depositavam pelo fato de sermos escotistas. O pessoal do exército, que estava no comando dos postos oficiais nos dava absoluta preferência e credibilidade, colocando prontamente à nossa disposição grande quantidade de alimentos e roupas para serem distribuídos à população flagelada.

Nós, que tínhamos o propósito de ajudar; diante da valorização do escotismo perante os homens fardados do exército e da polícia, sentimo-nos confiantes e plenos de realização no exercício da nossa atividade. Era esta a nossa recompensa: o reconhecimento pelo nosso trabalho à comunidade nos impulsionava ainda mais e nos fazia atuar como autênticos seguidores de uma verdadeira filosofia instituída por Baden Powel.

PX — Um serviço de inestimável eficácia

Tínhamos em nosso posto no IPT da FURB um operador de PX que atuou incansavelmente, como muitos desses adeptos do radioamadorismo que prestaram à comunidade flagelada, um inestimável serviço de comunicações. O rádio operado pelo PX Adilson, que estava atuando como nossa única fonte de informações, captou e deu conhecimento da situação dramática vivida por muitas famílias no bairro da Fortaleza. Nosso propósito era alcançar aquele bairro, bastante atingido pela enchente.

A grande campanha de alimentos

As autoridades municipais, o exército em coordenação com a defesa civil, organizaram os postos oficiais, para os quais chegaram grandes carregamentos de roupas e alimentos, procedentes de vários Estados da Federação, graças à grande campanha nacional, mobilizada em favor da gente catarinense. Grande foi a quantidade de alimentos que chegou para socorrer a população a par

do espírito de solidariedade existente em todo brasileiro.

Dentre os inúmeros anônimos, desde os mais ricos aos mais humildes que prestaram ajuda, muitos foram os amigos, entre os quais citamos um casal paulista Jorge e Marcia Casza que coordenou em sua cidade uma campanha de solidariedade, enviando para o nosso posto, grande quantidade de medicamentos, roupas, calçados, além de uma geladeira, dois fogões a gás e uma cama.

A classificação das roupas e calçados

Com base no levantamento efetuado pelo escoteiro Giovani, identificamos a quantidade de homens, mulheres e crianças das famílias alojadas no IPT. Enquanto isso, a chefe Irany, ajudada pelas escoteiras Nádia e Jorgeana e a Lobinha Nívea, faziam a seleção das roupas. Separando inicialmente roupas de homem, de senhora e de crianças e depois mais ou menos por tamanho, organizaram um local onde eram colocados os calçados, para que fossem escolhidos. No dia seguinte, o pessoal fazia fila para, um a um receber as roupas e calçados previamente selecionados. Nesse mesmo dia conseguimos alguns acolchoados de uma indústria situada nas proximidades, os quais foram distribuídos às famílias mais necessitadas.

A distribuição de alimentos a outras localidades

Com um grande carregamento de alimentos que apanhamos no posto do Ceasa, dirigimo-nos à Itoupava Central, por caminhos de difícil acesso, com a canoa amarrada ao teto da kombi. Nos-

so objetivo era alcançar o bairro da Fortaleza, se necessário com a nossa modesta embarcação a remo. Chegando nas imediações do campo de aviação, desatrelamos a canoa e atravessamos até a pista asfáltica da rodovia Guilherme Jensen. Naquela localidade estava operando uma equipe do Iate Clube de Joinville, os quais trouxeram um trailer, para o serviço de médicos e enfermeiras, além de diversos barcos a motor, cujos proprietários vinham imbuídos da melhor boa vontade para prestar também a sua parcela de ajuda à população blumenauense.

Mais uma vez o nosso uniforme e o lenço azul-amarelo falou mais alto. Os chefes escoteiros, mais os pseudo-escoteiros promovidos a boné, juntaram-se àqueles valorosos colaboradores e passaram a trabalhar na distribuição de água potável e gêneros alimentícios em barcos, numa perigosa ação, já que se desconhecia a região, sendo muito comum bater em obstáculos submersos, com riscos dos mais imprevisíveis, além da possibilidade de danificar a hélice do motor do próprio barco.

Fazíamos um carregamento de grande quantidade de água potável, muito leite que foi fartamente distribuído pela Cia. Jensen pão caseiro, banana, arroz, feijão, farinha, enfim várias espécies de alimentos que, em sua maioria eram descarregados pelos helicópteros no posto existente nas proximidades. Nosso trabalho consistia em coordenar o carregamento desses alimentos, além de acompanhar os proprietários dos barcos até os bairros de Fidélis e Fortaleza. Os pedidos de auxílio por parte de pessoas que perma-

neciam nos pavimentos superiores das casas, era intenso. A medida que chegávamos com os barcos nas regiões mais elevadas, inúmeras pessoas acorriam dos morros para receber suprimentos, o que nos obrigava a agir com certo rigor para impor a disciplina.

O desespero tomava conta de muitos. A enchente não escolheu classes sociais. Ricos e pobres compartilhavam dos alimentos que estávamos entregando. Um senhor com aproximadamente 45 anos ajoelhou-se e de mãos postas, em nossa frente, implorou alimentação não para ele, mas para seus filhos.

No bairro Fortaleza, um caminhão que transitava pelo local, foi prontamente requisitado, tendo o motorista a princípio relutado, mas acabou convencido a colaborar diante da perseverança do chefe Jaime, com o propósito de transportar alimentos até o posto instalado na residência da Dra. Regina, no Morro do Koegler. Toda a carga foi então transportada dos barcos para o caminhão. Rumando para a casa daquela abnegada pediatra que não mediu esforços para ajudar a todos, lá fomos recebidos com toda simpatia. Incontinenti organizamos uma cozinha comunitária, onde várias senhoras puseram-se a limpar peixes e preparar os alimentos que estavam recebendo. Na viagem de retorno, três pessoas foram transportadas de barco até o posto médico da Itoupava Central, pois necessitavam de urgente atendimento hospitalar, sendo posteriormente conduzidas ao

Hospital de Vila Itoupava. Além dos doentes levamos uma relação de medicamentos solicitados pela Dra. Regina, os quais deveriam chegar às suas mãos o mais rápido possível. Prometemos e cumprimos. Naquela mesma noite retornamos ao posto, não só com os remédios, mas acompanhados de dois médicos de Joinville, um dos quais ficou prestando serviços no local.

O egoísmo e a solidariedade

A calamidade contribuiu para reações pessoais das mais diversas.

A solidariedade que encontramos entre a maioria foi realmente algo de impressionante. Poucos se furtavam a ajudar um ao outro, dentro dos recursos disponíveis, despertando a catástrofe, um sentimento, talvez até adormecido em muita gente, mas que se evidenciava na predisposição da grande maioria em prestar ajuda mútua, para vencer a tragédia que se abatia sobre todos.

É verdade que houve injustiças, próprias da fraqueza do homem, entre elas os escândalos no desvio de gêneros alimentícios, cujas denúncias ressoavam em comentários dos mais maledicentes.

Nesse panorama triste, onde se deparava a incompreensão e a intolerância, ao lado da generosidade e o espírito prestativo, conta o chefe Jaime um fato que chega a ter o seu lado cômico e pitoresco:

“Quando passamos por uma ca-

HABITASUL

É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.

sa de dois pavimentos, cujo primeiro andar estava submerso, vimos uma senhora em aparente desespero aos berros, clamando por ajuda. Ao nos aproximarmos com o barco, ela perguntou: — O que vocês tem de bom aí...? ao que respondi:

— Água, banana

— Vocês tem carne?

O dono do barco, de temperamento calmo e de poucas palavras, inesperadamente respondeu: — A senhora aguarda um momentinho que nós vamos arrajar carne. . . .

Fiquei deveras surpreso, ora... arranjar carne naquelas circunstâncias, era simplesmente impossível. . .

Em seguida o senhor voluntário, manobrou o barco, dirigindo-se ao próprio galinheiro da casa, que estava semi-encoberto pelas águas, sobre o qual estavam três marrecos vivinhos equilibrando-se sobre o telhado.

Sem a menor dúvida ele pegou o remo e atigiu as aves com o cabo, em golpes certos e sucessivos, prostrando-as uma a uma, diante do olhar atônito da senhora, que ainda protestou. . .

— Meus marrecos... não faça isso. . .

Ao sabor de algumas penas que boiavam na água, o piloto do barco pegou os marrecos pelo pescoço e num grande boleio, arremessou-os até a janel'a aonde a senhora se encontrava. . .

— Táí a carne que a senhora pediu. . . .”

Descendo o Rio Itajaí-Açu de barco

Enquanto o chefe Jaime seguia para o bairro Fortaleza rumando por um trecho desmatado

por onde passa a rede de alta tensão, o chefe Otto Jaime com sua equipe, de barco adentrou ao leito original do rio Itajaí-Açu, numa experiência arriscada, assim narrada:

Fiquei realmente apreensivo, apesar de saber da potência do motor de 35 HP a impulsionar o barco de alumínio e ter passado cutrora outros apertos no mar em várias pescarias embarcadas. O espetáculo era assustador: troncos, entulhos, árvores inteiras e toda a espécie de sujeira, era conduzida a uma velocidade incrível e avançavam sobre nós como arietes ameaçadores. Mais assustado ainda fiquei quando perguntei ao piloto do barco se ele conhecia o rio, ao que ele me afirmou estar “por fora” pois era de Joinville e nada conhecia por aqui.

— E como vamos fazer para passar na ponte logo ali adiante?...

— Ponte?... que ponte?!

A ponte que heroicamente resistiu a grande pressão das águas, no bairro da Itoupava Norte, represou um amontoado de madeira, formando uma queda d'água provocando um ruído de botar medo em qualquer navegador mais experimentado. Pedi-lhe, então, que atravessasse de uma vez o rio e retornasse, sempre sob minha recomendação de evitar a correnteza, bem acima da grande curva aonde havíamos entrado, para, em favor da correnteza poder novamente retornar à outra margem. Foi realmente de assustar, principalmente porque tínhamos conhecimento de que um colega blumenauense havia naufragado, perdendo o motor e demais pertences da embarcação, esca-

pando por pouco depois de agarrar-se ao próprio barco virado, sendo arrastado pela correnteza a uma distância incrível, mantendo, contudo a calma devido a sua experiência, até encontrar-se em condições de nadar até a margem do rio.

O retorno da missão nos barcos

A noite ia chegando, estava na hora de voltar, ainda mais que o caminho era perigoso e pouco conhecido. Passando de barco num trecho da rua Dois de Setembro, na base do remo, começava o drama de alguns companheiros nossos que gastavam toda a energia para conduzir o barco na direção desejada, porque não sabiam remar e ficavam a rodopiar desajeitadamente.

Distribuindo o restante dos alimentos a alguns canoeiros que circulavam nas imediações da Rua São Roque, retornamos pelo emaranhado caminho de fios elétricos, até a pista asfáltica na Itoupava Central.

O Almojarifado no posto do IPT

Tendo mantido contato com os postos de distribuição de roupas e alimentos, principalmente no posto oficial da Cia. Jensen, nossa equipe recebeu boa quantidade de alimentos, os quais eram separados por espécie, numa sala situada no IPT da Furb. Do posto do Ceasa recebemos também alimentos e roupas arrecadadas nas campanhas e que nos foram confiadas para distribuição. Da paróquia de Vila Nova também recebemos razoável quantidade de roupas, as quais eram classificadas pela chefe Irany e sua

equipe, além da colaboração da voluntária Lurdes.

Os alimentos eram selecionados em "ranchos" para serem distribuídos inicialmente às famílias alojadas no IPT.

As roupas eram entregues num sistema organizado, onde se estabelecia um horário e a quantidade de pessoas que podiam adentrar à sala para escolher o que lhes servia.

A distribuição de comida pronta para o consumo

Depois de fazermos a coleta de alimentos, principalmente de arroz, feijão e macarrão, iniciamos, no dia 12 de junho, a distribuição de 15.000 refeições quentes no almoço e 12.000 refeições à noite. Esses alimentos eram preparados e cozidos pelo Serviço Especializado da Cozinha Industrial do Sesi, no bairro da Escola Agrícola.

Cada vez que fazíamos a distribuição, eram colocados na já conhecida kombi azul, enormes painéis contendo uma mistura de arroz, feijão, carne seca, lingüiça ou então macarrão cozido com carne moída, para serem entregues de casa em casa.

Começávamos a distribuir essa comida inicialmente a partir da Rua São Paulo e imediações da Rua Bahia até proximidades das Cristais Hering, ocasião em que encontramos a chefe Cremilda, duramente atingida pelas enchentes, a qual, por certo sob a emoção de nos ver representando as cores azul/amarela dos Leões, na ajuda dos irmãos blumenauenses, abraçou-se a nós e desabafou em lágrimas a amarga situação na qual também a sua família se encontrava.

Continuando a distribuição de comida pronta, com a participação também ativa do chefe Guilherme, seguíamos para a Rua Cel. Federsen, Rua 4 de Fevereiro (Itoupava Norte), Morro da Goiaba, Morro do Koegler (Fortaleza), iniciando o trabalho a partir das 10 horas da manhã, terminando à tarde por volta das 15 horas.

No jantar nossa atuação tinha início desde às 17,30 horas e terminava por volta da 1,30 hora do dia seguinte. A equipe que trabalhou na distribuição desta comida, dela também se servia, quando a fome apertava, de maneira "sui generis": Apanhando a comida do panelão com a enorme concha de alumínio, cada um se servia das porções que quisesse colocando-as na palma da mão, comendo-as diretamente sem o uso de talheres e sem muita cerimônia. As caras lambuzadas de feijão, eram evidentemente alvo de gozação, sobretudo diante das dificuldades do chefe Guilherme, com sua longa barba e óculos, que contribuíam para atrapalhar bastante o seu lauto jantar.

Como bom chefe de escoteiro, o parceiro Jaime usava o seu apito para por em alerta a população. De início poucos entenderam o que seria tal chamado súbito, que os colocavam de sobresalto, principalmente pelo adiantado da hora. Quando se voltava à localidade, entretanto, eram inúmeras as pessoas que ao ouvirem o apito, punham-se a descer os morros com suas panelas vazias. A nossa equipe, exausta, sobretudo no final da missão do dia, já começava a reclamar, quando o chefe comandante achou uma saída, trilhando o apito e ber-

rando: "Comida Pronta... Tragam Panelas Grandes"...

Nosso trabalho de entrega desses alimentos, foi sem a menor sombra de dúvidas de relevante importância e nos dava a certeza de fazer uma justa distribuição ao repartir os alimentos, pois estes deveriam ser consumidos, sendo inviável guardá-los para formar estoque, como poderia ocorrer com alimentos a serem preparados. Muitas famílias, inclusive de pessoas abastadas e que sofreram o duro castigo das enchentes, já sem a reserva de alimentos, tiveram que servir-se da nossa saborosa minestra, como tivemos oportunidade de ouvir uma senhora aos prantos confessar a dura realidade de ter que também ela, submeter-se à nossa fila de famintos com suas panelas para receber o seu quinhão de comida.

As águas baixaram

Assim que as águas do rio baixaram, eram precárias as condições de trânsito. A destruição era total. A nossa Blumenau, a cidade Jardim, outrora linda e esverdejante... estava destruída. Nas ruas o entulho e a lama davam um panorama desolador e quem conhecia a cidade antes, limpa e arrumada, ficaria sensibilizado. Parecia irrecuperável. As pessoas que removiam desanimadamente o lodaçal e empilhavam os destroços das suas casas, logicamente ficariam marcadas sob o efeito daquela imagem que suas mentes não queriam acreditar como realidade. Parecia um sonho ruim, um pesadelo. Não era verdade, aquilo não podia ter acontecido conosco.

Aos poucos, contudo, o brio e a vontade da nossa gente passa-

ria a ser um desafio constante. Os primeiros que se colocavam na lama para a operação limpeza, por sua força de vontade incomum, gradativamente iam contagiando os demais, encorajando-os a fazerem também a sua parte. E assim, quem de início não acreditava, admitia a esperança de que alguma coisa poderia e deveria ser feita para modificar aquela imagem negativa e desanimadora.

Como uma corrente de contágio, e sob o estímulo dos mais arrojados, todos se entregaram ao trabalho de limpeza e remoção da imensa quantidade de sujeira.

Chorar de nada adiantaria. Seria necessário reunir a capacidade que existe em cada um de nós para, aos poucos recuperar a cidade. E quem duvida disso, os que pensam que este fenomenal arrojo da gente catarinense é apenas fantasia, ficaria incrédulo ao ver o quanto já se realizou depois da hecatombe que se abateu sobre nós.

O trabalho depois da enchente — A entrega de roupa e alimentos em Gaspar

Vários donativos continuavam chegando de empresas de São Paulo. Principalmente de Capinas. Uma empresa paulista enviou donativos (roupas e remédios) à nossa sede escoteira.

Como estávamos em plena atividade, o chefe do Grupo, nos designou como "voluntários" para coordenar também a distribuição desse material. Fizemos então uma averiguação nas regiões mais atingidas, iniciando os trabalhos por onde houvessem famílias mais necessitadas.

Já havíamos devolvido a grande heroína que nos acompanhou em todas as andanças, a kombi da FURB, restando-nos somente usar os próprios veículos particulares e um reboque de camping para carregar roupa e alimentos.

Uma das primeiras visitas para a entrega foi na divisa Blumenau-Gaspar (margem esquerda) da rodovia Jorge Lacerda no sentido Blumenau-Itajaí, onde os casais Jaime/Lourdes, Otto Jaime/Irany com as filhas escoteiras e lobinha, tendo participado também o chefe Beto (Alcatéia II), atuaram no serviço de distribuição.

O método mais fácil que achamos para entregar roupas usadas e já classificadas, foi espalhar os volumes na pista asfáltica (Blumenau-Navegantes) chamando os moradores em suas casas, tendo que passar por atoleiros incríveis, em meio a grande quantidade de casas semi-soterradas pela grossa camada de lama e detritos deixados pelo rio.

A entrega de Roupas em Itajaí

Atendidas as famílias do nosso posto no IPT e tendo em disponibilidade grande quantidade de roupas, fizemos um carregamento de todo o saldo dessas roupas e as levamos em veículos particulares para o município de Itajaí. Lá entregamos todo o lote à família Montibeller que fez a distribuição aos necessitados do Bairro do Rio Pequeno, uma das regiões bastante atingidas naquele município.

A entrega de Roupas em Ilhota

Seguindo a rodovia Jorge La-

cerda, no outro domingo, fizemos o percurso atravessando a balsa em Ilhota, distribuindo roupas naquele município. Em nossas andanças pela região, prestamos auxílio a um morador, abrindo uma cova para enterrar um bezerro, uma das várias cabeças de gado dizimadas pela enchente em Ilhota.

Mutirão Escoteiro — Etapa de reconstrução

Depois da fase de distribuição de roupas, organizamos um mutirão escoteiro para a reconstrução de casas. Montamos uma equipe composta de vários chefes e muitos escoteiros das tropas I, II, III e IV (feminina).

Nos dias 2, 3 e 4 de setembro conseguimos concluir até a cobertura, faltando apenas o acabamento, uma casa de madeira de 58 m² para a Sra. Martha Pereira da Silva, uma senhora viúva e de poucos recursos. Neste trabalho contratamos um carpinteiro profissional que nos orientava o que e como fazer. Apesar de algumas marteladas erradas e poucas tábuas mal pregadas, o trabalho foi um sucesso. Depois de totalmente pronta, incluindo o serviço de pintura feito por outras pessoas, fez-se posteriormente a entrega à Dona Martha, que estava residindo com familiares em outro município, numa surpresa que ela jamais esperava ter. Com grande emoção, ela mal podia acreditar no que estava vendo. Hoje

na residência nº. 135 da Rua Adolfo dos Santos, uma pequena e simpática senhora vive feliz e sorridente graças a sua nova realidade. Além disso, em nome do Grupo Escoteiro Leões, obteve-se da Prefeitura Municipal de Blumenau, autorização para a derubada de um velho galpão, outrora pertencente à E.F.S.C., para a preparação de terrenos destinados à construção de outras casas.

A certeza da missão cumprida

Agindo sob o impulso das nossas próprias consciências e assumindo o nosso compromisso moral formalizado na promessa escoteira, estamos convictos de haver cumprido a missão que nos cabia.

A equipe que teve a oportunidade de desempenhar as atividades descritas nesse documentário, teve por parte de cada um dos participantes, a recompensa de haver conseguido realizar um trabalho construtivo em favor dos seus semelhantes. Nenhuma honraria para cada um deles é mais valiosa, a mais reconhecida do que na crença num ser supremo capaz de nos dar força para o desafio: "Podemos perder tudo o que temos... mas jamais perderemos aquilo que somos".

Blumenau, setembro de 1983.

Otto Jaime Ferreira

Relator

Jaime da Silva

Coordenador das atividades

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

(do livro "Histórico-sócio-cultural-artístico de Blumenau")

CINE BLUMENAU — Em 1950, Antônio Cândido de Figueiredo e Paul Schindler associaram-se para dotar Blumenau de mais um cinema. O projeto elaborado por Henrique Herwig e assinado pelo arquiteto Francisco Hrozek, foi aprovado pela Prefeitura Municipal de Blumenau sob nº. 11, de 12 de janeiro de 1950 e assinado por Antônio Cândido de Figueiredo e Paul Schindler. Foi construtor, René Deeke, o mestre de obras Erich Klueger. A grande e confortável casa de espetáculos tinha 960 poltronas estofadas na platéia e mais 360 lugares na galeria, e foi chamada de Cine Blumenau, sendo inaugurada no dia 28 de julho de 1951 com o filme "As aventuras de Don Juan" com Erol Flynn, Viveca Lindfors, Robert Douglas, Alan Hale e Romney Brent. A sessão foi reprisada no dia 29, domingo às 14; 16,30 e 20 horas. O jornal "A Nação" notificou a inauguração do Cine Blumenau no dia 29 de julho de 1951. O Cine Blumenau entreteu os blumenauenses por longos anos.

Em janeiro de 1953, o Cine Blumenau começou a publicar a "Revista do Cine Blumenau", com mais ou menos 16 páginas, na maioria propaganda comercial e industrial, palavras cruzadas, algumas curiosidades, das próximas indicações e resumos dos enredos das próximas apresentações. Foi distribuído até 1960, gratuitamente, entre os frequentadores. Quando os Cines Busch e Blumenau funcionaram sob a mesma direção, a revista foi intitulada de "Revista Interna de Publicidade dos Cinemas Blumenau e Busch". A redação e responsabilidade estava a cargo de Têlvio Maestrini e era impressa pela Gráfica Tupi. A publicação interrompida por um grande espaço de tempo voltou a circular em 15 de junho de 1961 com o nome de "Revista Progresso", impressa na Tipografia Centenário com o mesmo formato 16×22 cm, com diversos colaboradores e assuntos transcritos de jornais e revistas, elaborada por Oswaldo Witthoef, desaparecendo depois de três edições. Em 1968 houve uma tentativa em reviver a "Revista do Cine Blumenau", porém a revista com mais ou menos 18 páginas de 15×19 cm., que deveria aparecer quinzenalmente e ser distribuída graciosamente nos Cines Busch e Blumenau cessou a publicação em janeiro de 1969, entretanto o editorial dizia o seguinte: "Um grupo novo se organiza, pois mais uma missão deve ser cumprida. A TV-Canal 3, de Blumenau, irá ao ar nos próximos dias. Nossa cidade inicia outro período; no reino das comunicações, nossa vida comunitária passa a ter alicerces próprios. "Cinevisão" trará ao leitor, além de notícias sobre cinema, a programação de TV". Foi impressa na Tipografia Centenário, não constando nomes de responsáveis, nem redatores.

O Cine Blumenau S.A. foi reformado em 13 de maio de 1969,

conforme processo nº. 4.028 na Prefeitura Municipal de Blumenau, pela Construtora H. Schultz.

No segundo semestre de 1983, o Cine Blumenau cessou suas atividades e vários fatores contribuíram para que o fato se concretizasse, entre eles a grande enchente de julho de 1983, que danificou as instalações, não compensando a reforma. O prédio foi vendido para fins comerciais.

CINE ATLAS — Durante sete anos o bairro de Vila Nova teve o privilégio de ter o seu cinema. Idealizado por Alvacyr Ávila dos Santos, Carlos Braga Mueller e Eva Taeschner Ávila dos Santos, o Cine Atlas, situado à Rua Theodoro Holtrup, foi inaugurado no dia 17 de dezembro de 1965 com o filme alemão "Mil estrelas brilham". Com 310 lugares, utilizando projetores de 35 mm, marca Simplex nas suas sessões, entreteu os aficionados da sétima arte até 1972, quando foi desativado.

DONA META SCHMALZ E OS SEUS NOVENTA ANOS

O dia 30 de maio passado foi festivo para os familiares descendentes da veneranda senhora Meta Schmalz. Naquele dia ela viu transcorrer a passagem de seus 90 anos de feliz existência, uma vida que está praticamente integrada nas mais importantes evoluções sociais e culturais de nossa comunidade. Dona Meta Schmalz é viúva do saudoso cidadão Adolfo Schmalz, falecido há muitos anos. Em seu casamento teve a felicidade de possuir duas filhas: Aida, casada com o Dr. Afonso Rabe, nosso estimado presidente do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e Freia Gross, viúva do saudoso sr. Ralph Gross, que foi um dos fundadores e diretores da Mafisa enquanto viveu. Do casamento de

suas duas filhas Aida e Freia, dona Meta teve a ventura de ser avó de um neto (filho do Dr. Afonso Rabe) e três bisnetos — uma mulher e dois homens gêmeos), que são os netos do dr. Afonso Rabe e sua esposa dona Aida.

Pela passagem do feliz acontecimento, dona Meta Schmalz foi muito homenageada por seus familiares e numerosas famílias amigas que foram levar-lhe a manifestação de estima que desfruta na sociedade blumenauense.

Na oportunidade deste registro, "Blumenau em Cadernos" associa-se às iustas homenagens recebidas por dona Meta, augurando-lhe ainda muitos anos de vida, saúde e alegria cercada pelo carinho de seus familiares.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

"Pequena crônica da família Buerger"

Sob o título acima, recebemos do sr. Orestes Nesti, residente em São Paulo, um interessante relato em que dá informes oportunos sobre a origem da numerosa família Buerger, cuja maioria dos descendentes reside em Blumenau. Ele mesmo, Orestes Nesti, é neto do casal que foi o tronco desta tradicional e benquista família. Primo que é do sr. Arno Buerger, cidadão amplamente conhecido e benquisto em nossa cidade, com atuação no comércio blumenauense há longos anos, o sr. Orestes Nesti dirigiu-se ao seu primo Arno Buerger para com ele concluírem as informações que pudessem esclarecer em parte o desenvolvimento da família Buerger, sua trajetória através dos anos que atravessamos neste século e integrada totalmente na contribuição pelo desenvolvimento sócio-econômico e cultural de Blumenau, da região do Vale do Itajaí.

Dos descendentes diretos do

casal tronco — Hermann e Maria Buerger, segundo as informações que nos foram prestadas por Arno Buerger, seu neto, são vivos, hoje, João Buerger, residente no bairro de Ponta Aguda, Rudolfo Buerger, que possui uma fábrica de móveis (Móveis Buerger) no bairro da Velha, Irma, residente no Rio de Janeiro, Wally e Maria, ambas residentes em Blumenau.

A descendência do casal Hermann e Maria Buerger, através dos dezesseis filhos que tiveram é enorme. Daria uma das mais amplas genealogias caso alguém se dispuzesse a coletar todos os dados e informes das ramificações que se originaram dos dezesseis filhos do casal Hermann-Maria Buerger.

De qualquer forma, o trabalho de colaboração que recebemos do sr. Orestes Nesti é dos mais interessantes e envolve fatos muito agradáveis, razão pela qual passamos a transcrever na íntegra:

"PEQUENA CRÔNICA DA FAMÍLIA BUERGER"

Esta crônica tem início na cidade de Blumenau há quase um século atrás, quando o jovem Hermann Bürger, filho de Alexandre e Louise Bürger casou-se com Maria Schmidt, nascida nessa cidade, filha de Jacob e Dorothea Schmidt, oriundos da região de Hamburgo, na Alemanha.

O novo casal foi estabelecer-se em aprasível e pitoresca gleba, ao pé dos morros no bairro Gar-

cia, cuja parte plana da área era atravessada por borbulhantes riachos de águas lípidas e frescas que vinham das nascentes dos morros próximos e iam desaguar no ribeirão Garcia que situava-se logo adiante, do outro lado da estrada. No pasto, gansos, marrecos, cavalos e o gado movimentavam-se nas suas margens. Aí, com o auxílio de "camaradas", cultivaram a terra, viveram e prosperaram, gerando dezesseis filhos, dez homens e seis mulheres, cujos descendentes vivem e trabalham em diversas regiões do



O casal Hermann e Maria Buerger

Brasil, principalmente no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, além de Blumenau.

Eis a relação dos dezesseis filhos de Hermann e Maria Bürger com as respectivas datas de nascimento: Thereza, 19-1-1889; Oscar, 8.6.1890; Olga 23.8.1891 que fez sua primeira comunhão em 10.4.1904 na "Pfarkirche" de Blumenau com o Padre Kampmann; Richard, 28.10.1892; Erwin, ... 9.2.1894; Gustavo, 9.5.1895; Maria, 27.9.1896; Leopold, 9.11.1897; Arthur, 19.10.1899; Oswald, 17.3.1901; Walter, 25.12.1902; Rudolf, 2.5.1904; Irma, 4.10.1905; Martha, 23.3.1907; João, 4.8.1908 e Wally, 15.1.1910.

A maioria dessa irmandade constituiu família, fixando-se em Blumenau, exercendo as mais variadas atividades. Seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos for-

mam um vasto contingente de pessoas que honram e se orgulham de seus ancestrais.

Permita-se ao redator desta crônica, neto de Hermann e Maria Bürger, registrar algumas lembranças de uma viagem que fez a Blumenau em dezembro de 1927, por ocasião do casamento de sua tia Wally, colimando fixar as impressões dessa aventura.

Embarcando no porto de Santos no vapor "Carl Hoepcke" que fez escalas em São Francisco e Paranaguá, chegou em Itajaí, atracando no trapiche de madeira daquela época. De Itajaí a Blumenau, o transporte foi feito no vapor fluvial de rodas propulsoras laterais, subindo o Rio Itajaí em encantadora e inesquecível viagem que durou várias horas. Ao desembarcar, foi com os tios até o Bairro Garcia num carro de

molas com teto, puxado por dois cavalos, que se punham a andar a voz de: "Loss" e estacavam ao ouvir: "Prrrrr". O caminho, rústico e pedregoso, margeava em muitos trechos de altos e baixos o Ribeirão Garcia.

Blumenau era então uma cidade calma e bucólica, mas cheia de atividade no centro e arredores, onde muito se falava a língua alemã. Para um menino vindo de São Paulo, tudo que via e ouvia constituía uma vivência maravilhosa e fora do comum, como: — a ampla casa com sótão de seus avós e tios; as plantações de cana de açúcar, aipim, milho e ananás, além das bananeiras e outras árvores frutíferas. O produto das plantações nas terras altas, era transportado morro abaixo por

uma espécie de trenó que deslizava até o paiol e a moenda situados na parte plana. As casas da cidade de construção original, com os peitoris das janelas floridas e com os sótãos habitáveis; a estação do trem; os carros e carroças de quatro rodas puxados por cavalos; a Rua XV de Novembro com a Agência de Correios e o bar-hospedaria chamado "Josefhaus" o vapor atracava às margens do Rio Itajai; o Bairro da Velha, onde um dos tios estava estabelecido com marcenaria que fabricava jogos, carrinhos e brinquedos de madeira, além de outras peças. Por cem réis — um tostão — comprava-se um ou dois ananases ou uma ou duas dúzias de bananas. As lembranças das casas dos avós e dos tios, como

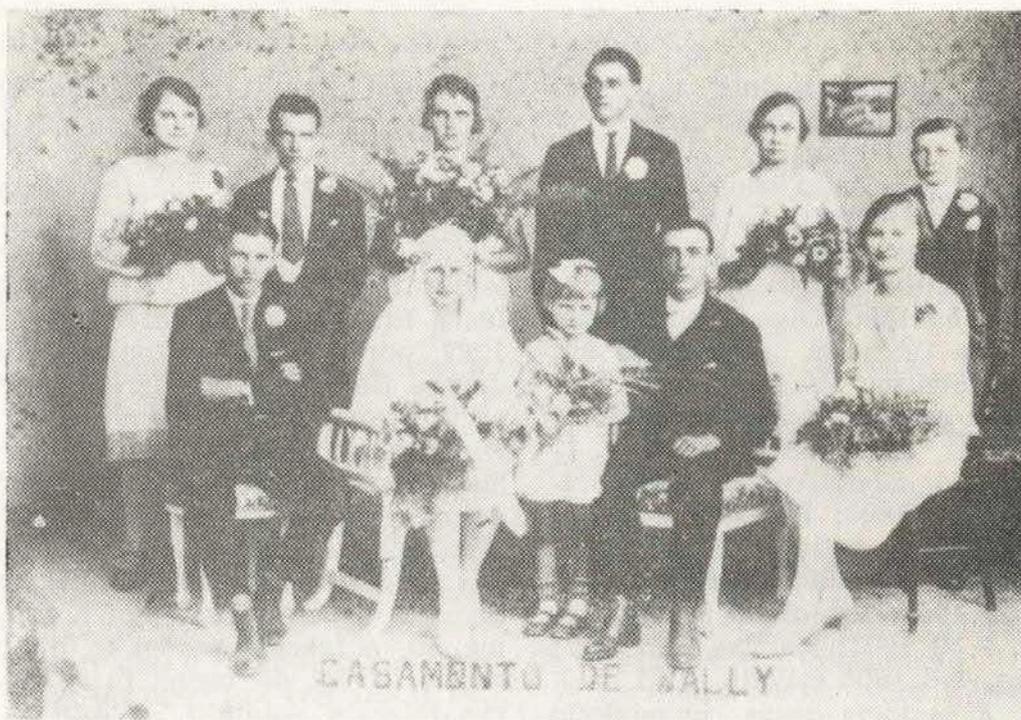


Foto tirada por ocasião do casamento de Wally Buerger, uma das filhas do casal Hermann e Maria Buerger. O casamento realizou-se em dezembro de 1925.

as festas de Natal com o pinheiro ornado de pequenas velas coloridas e flôcos de algodão sobre os ramos substituindo a neve, ocasião que se cantava "O Tannenbaum" e outras canções natalinas; a festa de casamento com banquete ao ar livre e nos galpões com duração de dois a três dias, com o comparecimento de inúmeros parentes e convidados; o "früeschtick" matinal, com café e leite sem açúcar, com pão preto feito em casa, com manteiga e "muss" — uma espécie de geléia feita com laranjas ou carambolas e açúcar mascavo; as carroças transportando madeiras, cana de açúcar ou capim para o gado; os peixes "cascudos" do pedregoso Ribeirão Garcia, onde se nadava e

brincava pra valer em suas águas límpidas e velozes.

Em fins de janeiro de 1928 o retorno a Santos foi feito com o pequeno vapor "Anna" da Cia. Carl Hoepcke, que ao alcançar o mar aberto balançava tanto que obrigava os passageiros a refugiarem-se nos seus beliches. Contudo a viagem se fez com segurança e conforto.

Constatando-se hoje, a expansão, o progresso e a pujança de Blumenau no cenário nacional, não podemos deixar de reverenciar a memória desses antepassados, que com o labor e a fé de pioneiros assentaram as bases que possibilitaram a grandeza e a beleza da laboriosa e culta cidade de Blumenau.



Os irmãos Buerger, filhos do casal Hermann e Maria, em foto tirada na década de 1930.

— DIA 2 — Neste dia a Fundação Universitária Regional de Blumenau (FURB), registrou a passagem dos seus vinte anos de fundação (2-5-1964), tendo o Núcleo de Atividades Culturais daquela entidade programado diversas solenidades festivas em regozijo pelo acontecimento.

* *

— DIA 3 — No auditório da Câmara Municipal de Vereadores, realizou-se grande reunião de voluntárias que prestam serviços nos centros sociais da prefeitura, para discutirem assuntos ligados ao trabalho por elas prestado. Na oportunidade o prefeito Dalto dos Reis falou às pessoas presentes, agradecendo a colaboração recebida e dizendo da importância desta participação em benefício das soluções sociais do município.

* *

— DIA 4 — No Teatro Carlos Gomes apresentou-se o famoso violinista Natan Schwartzmann e o pianista Achille Picchi, homenageando os 200 anos de nascimento de Paganini, numa promoção do Banco Safra, agência de Blumenau.

* *

— DIA 6 — No Estádio do Blumenau E. C. reuniram-se 70 expositores de cães na IV Exposição Especializada de Cães Pastores, cujo sucesso, tanto em participação como na presença de público foi completo.

* *

— DIA 7 — Com uma extraordinária presença de público, realizou-se a solenidade de inauguração das Lojas Americanas em Blumenau, cujo estabelecimento ocupa o prédio em que anteriormente funcionava o Cine Blumenau. O prefeito Dalto dos Reis prestigiou o acontecimento, manifestando sua satisfação pela iniciativa de dotar-se Blumenau de mais uma casa comercial do porte das Lojas Americanas.

* *

— DIA 9 — Relatório entregue pelo Serviço Municipal de Trânsito ao prefeito Dalto dos Reis, referente ao mês de abril, informa que

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

naquele mês foram registrados 262 acidentes de trânsito no município, envolvendo 100 veículos que causaram lesões em 86 pessoas e provocaram a morte de outras três.

* *

— DIA 11 — No saguão da FURB, foi aberta a exposição individual de xilogravuras e esculturas do escultor chapeoense Enio Griebler. A promoção foi do Núcleo de Atividades Culturais da FURB.

* *

— DIA 12 — Na Praça Hercílio Luz, a Prefeitura Municipal promoveu a "Feira das Mães", constando de inúmeras atrações, como a exposição e venda de produtos artesanais, além de diversos shows.

* *

— DIA 14 — Informações prestadas pelo Departamento de Cadastro Técnico e Informações da Assessoria de Planejamento da Prefeitura de Blumenau informou que pesquisa realizada chegou à conclusão de que 64,8% dos empregados que prestam serviços em Blumenau são migrantes, isto é, que residem noutros municípios vizinhos ao de Blumenau.

* *

— DIA 15 — Relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, indica, entre outras atividades, prestadas no decorrer do mês de abril, o Serviço de Inseminação Artificial aplicou 126 ampolas de sêmen de animais de diversas raças, que o Horto Florestal distribuiu 7.854 mudas de árvores para reflorestamento e arborização de passeios e jardins, que através dos postos de vendas de produtos agrícolas foram atendidas 3.757 pessoas e que os micro-tratores e tratores esteira atenderam 115 propriedades rurais com serviços prestados, nos diversos bairros e subúrbios do interior do município.

* *

— DIA 18 — O Serviço de Cemitérios do Município de Blumenau, através do Secretário de Obras e Serviços Urbanos, apresentou relatório ao prefeito Dalto dos Reis informando que durante o mês de abril foram sepultados nos cemitérios municipais 44 pessoas, sendo 18 homens, 12 mulheres, 7 crianças e 7 nati-mortos, tendo sido arrecadada nos cemitérios, pela prestação de serviços diversos, a soma de Cr\$ 786.679,00.

* *

— DIA 19 — Uma tremenda chuva de granizo como até então não se tinha conhecimento em Blumenau, assolou parte da cidade causando somente na rede de distribuição de água do SAMAE, 6 milhões em prejuízos. Além disso, grande número de residências, especialmen-

te no bairro Garcia, foram atingidas violentamente pelos granizos, a maioria acima de 500 gramas de peso, destruindo parcial e em alguns casos totalmente as coberturas das casas, tanto de telhas como de Eternit, com o que deixou centenas de famílias desabrigadas. Foi na realidade, um acontecimento como muito poucas vezes se tem tido notícias em outras localidades do país.

* *

— DIA 23 — Relatório da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social apresentado ao prefeito Dalto dos Reis pelo titular Fernando de Mello Vianna, diz que, no mês de abril, foram atendidas 16 mil pessoas na área de saúde pública. Os consultórios odontológicos atenderam 4.444 casos de intervenções e nas escolas 10 mil crianças participaram dos bochechos com fluór. O setor de Creches atendeu 1.101 crianças de zero a seis anos, 103 a mais do que em fevereiro. As crianças são alojadas em 29 centros sociais, recebendo mamadeiras, refeições e atendimento em geral. Na recreação infantil, atende-se a 1.191 crianças de 4 a 6 anos. O Departamento de Bem-Estar Social atendeu 324 servidores municipais com medicamentos, passagens, Raios-x e outros benefícios. O Setor prestou ainda auxílio a 740 famílias, tendo ainda fornecido 22 plantas de casa, em madeira e 9 em alvenaria, modelo padrão para famílias carentes. 50 cursos estão sendo desenvolvidos no mês com a participação de 675 pessoas entre homens e mulheres.

* *

— DIA 23 — No saguão da FURB, foi aberta exposição do artista plástico Joel Figueira. O acontecimento, promovido pelo Núcleo de Atividades Culturais da FURB, é em regozijo pelo transcurso dos 20 anos de sua fundação ocorrido dia 2 do corrente.

* *

— DIA 23 — Com a idade de 59 anos faleceu repentinamente em Florianópolis, o conhecido professor Amaro de Seixas Neto, uma das figuras mais populares e prestigiadas nos meios culturais catarinenses.

* *

— DIA 24 — No quartel do 23º. B.I., foi solenemente comemorado o DIA DA INFANTARIA. Numeroso público esteve presente, inclusive autoridades do município e contingentes de ex-pracinhas que combateram na 2ª. guerra mundial em campos da Itália.

* *

— DIA 24 — Foi aberta neste dia a 1ª. Feira Estadual e a 5ª. Exposição-Feira do Gado Leiteiro Regional de Blumenau que teve lugar no pavilhão nr. 2 da PROEB, no bairro da Velha. A Exposição foi organizada pelo Núcleo da Associação Catarinense de Criadores de Bovinos Regional de Blumenau e o patrocínio da Prefeitura Municipal. Foi um certame muito concorrido e visitado.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

“A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL”

Impressiona o panorama que se descortina diante do leitor nesta obra monumental que é “A crítica literária no Brasil” (Francisco Alves — Rio — 1983 — 2 vols.) Com a firme decisão de fazê-la tão completa quanto possível, o Prof. Wilson Martins, seu autor, não limitou suas pesquisas aos nomes consagrados, conhecidos em âmbito nacional, e às fontes tradicionais em que costumam se abeberar, em geral, os autores de obras do gênero. Sequioso de tudo conhecer, e, assim, analisar com precisão, estendeu suas buscas às bibliografias regionais dos Estados, utilizando até mesmo a mais desconhecida monografia, desde que portadora de idéias ou informações interessantes.

Em Santa Catarina suas buscas revelaram vários nomes, ao longo dos anos, indicando que “o mais escabroso dos gêneros literários” (como dizia Monteiro Lobato), encontrou aqui cultores de maior ou menor expressão. Dentre eles, Nereu Corrêa é o que merece mais referências, o que lhe faz justiça, pois é o maior nome da crítica catarinense. Dono de um estilo muito pessoal, acuidade crítica e independência de julgamento, seus ensaios atingiram elevado nível. São focalizados seus livros “Temas do nosso tempo”, “O canto do cisne negro e outros estudos”, “Cassiano Ricardo”, “A palavra: uma introdução

ao estudo da oratória”, “Paulo Setúbal em Santa Catarina” e “A tapeçaria linguística d’Os Seretões’ e outros estudos”.

Mas há outros catarinenses analisados na obra: o falecido Prof. Altino Flores, erudito, crítico exigente e metuculoso, autor do livro “Sondagens Literárias”, coletânea de pequenos ensaios; David Gonçalves, paranaense radicado em nosso Estado, ficcionista criativo e de um regionalismo muito peculiar, autor do ensaio “Atualização das formas simples em Tropas e Boiadas”; Lausimar Laus, precocemente falecida, romancista e ensaísta, autora de “O mistério do homem na obra de Drummond” e outros; Osvaldo Ferreira de Mello Filho, autor de uma conhecida “Introdução à história da Literatura Catarinense”; Péricles Prade, jurista, poeta, contista, crítico, autor de “Múltipla Paisagem”, ex-presidente da UBE de São Paulo; Celestino Sachet, poeta e crítico, autor de “As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina” e “A literatura de Santa Catarina”, entre outros; Iaponan Soares, ficcionista, organizador de uma coletânea de contos e autor do ensaio “Marcelino Antônio Dutra”.

Faltam apenas, para um quadro mais completo, as presenças de Salim Miguel, talvez pelo fato de não possuir obra de crítica publicada em livro, e de

Lauro Junko, o mais ativo e constante crítico do Estado, autor de "A presença da poesia em Santa Catarina", livro elaborado com esmero e conhecimento, a primeira obra a fornecer uma visão geral da nossa poesia e por isso

mesmo indispensável.

Meus livros "3 Dimensões de Lobato" (1975) e "Godofredo Rangel" (1977) mereceram a inclusão das linhagens impressionista e histórica, respectivamente, dos anos de seu aparecimento.

O ENSINO DA LÍNGUA ALEMÃ NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE BLUMENAU E A REPERCUSSÃO NA "DEUTSCHE WELLE"

Tradução de Alfredo Wilhelm de uma carta enviada pelo diretor daquela emissora alemã ao prefeito Dalto dos Reis

"Koeln (Colônia), 10.4.84

"Prezado Senhor Prefeito,

Apresento a V. Excia. os meus cordiais parabéns pela sua grandiosa idéia de reconstruir a cidade de Blumenau após a grave enchente catastrófica, dando ênfase a preservação do caráter arquitetônico alemão da cidade. O seu plano de levantar portais — no tradicional e velho estilo alemão — nas estradas que levam a Blumenau, é um empreendimento de dimensões históricas. Para as gerações posteriores, estas obras serão um documento de pedra do nosso século.

Permita-me a minha satisfação pelo fato, que futuramente a língua alemã será outra vez matéria obrigatória no ensino das escolas municipais. Também isto foi uma decisão de alto grau.

Como é do conhecimento de V. Excia. eu tive a oportunidade de poder mobilizar a imprensa — falada e escrita — de "Bonn" (Capital da República Federal da Alemanha), para um movimento de ajuda aos flagelados pela enchente. Devemos ao sr. Prayon o relato sobre as dimensões da catástrofe. Alertado pelos nossos apelos, conseguiu-se levantar importâncias consideráveis em dinheiro. Transmitiremos em dimensão global — por intermédio de nossa "Voz da Alemanha" — os seus grandes e louváveis planos, bem como as suas interessantes iniciativas.

Apresentei ao representante pessoal do sr. Governador um plano no intuito de produzir em Blumenau uma grande reportagem sobre a sua cidade, os seus planos e seus problemas — irradiando-a depois ao redor do globo.

Infelizmente este projeto não pôde ser realizado, visto que a nossa equipe de reportagem não conseguiu os vôos graciosos necessários. Se este problema pudesse ser resolvido, teríamos a possibilidade de programar esta transmissão.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

O sr. Henry Fred Ullrich, presidente do "Clube de Ouvintes da Voz da Alemanha" e membro ativo da "IADM" (associação internacional de comunicação em idioma alemão), revelou-nos entusiasticamente os seus planos. Eu sugeri ao sr. Ullrich — com o apoio de V. Excia. — sensibilizar uma Emissora de Rádio em Blumenau, para que esta leve ao ar o nosso "Curso de Língua Alemã". Junto a este curso temos também as respectivas apostilas. Este curso colocaríamos graciosamente à sua disposição.

Na esperança de suas notícias, receba as minhas
cordiais saudações

Werner Bader - Diretor"

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Segunda-feira, 14 de dezembro de 1863

Hoje abati, em companhia de Rheinbrecht, meu porco e recebi pela metade do mesmo 4 mil réis. Rheinbrecht e eu esquitejamo-lo nós mesmos e preparamos tudo.

Sexta-feira, 18 de dezembro de 1863

Recebi afinal novamente uma carta, mas não dos meus pais, e sim do Sr. Foerster, de Hamburgo, na qual ele escreve, que meus queridos pais e irmãs deixaram a Alemanha no dia 12 de outubro no navio hamburgues "Rabihg", comandado pelo capitão Heidrich, viajando com este navio para Dona Francisca e observa ainda que os mesmos, em sua chegada à Dona Francisca, teriam ainda em mãos no máximo 80 mil réis. Porisso escrevia-me Foerster para que eu consiga urgentemente solução e em qualquer lugar obtenha um empréstimo ou de outra maneira qualquer tratar para que os queridos meus pudessem continuar a viagem até onde eu estivesse.

Ninguém pode imaginar que impressão esta carta causou em mim, eu estava simplesmente próximo ao desespero e não preguei olho por aflição e preocupação durante a noite toda.

Na outra manhã:

Sábado, 19 de dezembro

Corri imediatamente ao Rheinbrecht para lhe mostrar a carta e pedir-lhe um conselho nesta situação. O mesmo lamentou-me muito por isto e disse que nesta situação não se poderia fazer nada de maneira nenhuma, pois não é possível nem mesmo enviar uma carta para Dona Francisca, menos ainda dinheiro e, depois seria necessário muito dinheiro para que os meus queridos pais empreendessem a via-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

gem até Rio Grande e se fosse mesmo possível enviar uma carta para Dona Francisca, eu não saberia determinar nenhum endereço para que a carta chegasse ao destino. . Resumindo, a situação é de tal modo triste que eu não posso ajudar de modo algum, só Aquele o pode, para Quem diariamente imploro pelo bem dos meus queridos.

Terça-feira, 22 de dezembro de 1863

Chegou o pregador Schmidt para preparar as crianças, às quais até agora eu havia dado instrução, para a Confirmação, para esta cerimônia, a qual seria realizada no primeiro dia de Natal.

Também a este Schmidt perguntei como seria possível enviar uma carta para Dona Francisca, e ele deu-me a mesma resposta que Rheinbrecht.

Sexta-feira, 25 de dezembro de 1863

Na santa noite de Natal,

Hoje o (assim chamado) pregador Schmidt celebrou o culto o qual constituiu em Confirmação, além do sermão e comunhão geral e foi bastante concorrido.

Com que alegria eu passaria esta bonita festa, se a pudesse festejar reunido aos meus queridos pais e pudesse então estar pelo menos tranqüilo sobre a sua sorte.

Quando me lembro que Foerster, em Hamburgo, é o culpado desta situação triste de meus pais, cresce cada vez mais a raiva contra ele dentro de mim. Também, ele não deveria ter sido tão relaxado e poderia ter-se informado melhor, pois assim teria sabido, através do Agente Mühlberg, em Hamburgo, que exatamente desde a última carta de meus pais, saíram 2 navios daquele porto, com passageiros para cá, dos quais cada um somente pagou 52 Taler, enquanto que meus queridos pais, para Dona Francisca, tiveram de pagar 70 Taler de passagem.

E o pior disto tudo eu ainda suspeito: que Foerster tenha convencido meus pais a tomarem um adiantamento em Hamburgo, de modo que deverão se tornar colonos, tão logo eles cheguem em Dona Francisca.

Depois dos feriados não daria mais aula e vou preparar-me para minha partida, pois estou ainda firmemente resolvido a ir para Buenos Ayres com Rheinbrecht e lá ganhar algum dinheiro, de modo que, talvez desta maneira, possa socorrer um pouco meus pais.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

